



Cultura da Convergência e a Educomunicação



Jacqueline Gomes de Aguiar

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo proponho pensar sobre como as tecnologias digitais e midiáticas estão operando na configuração de uma juventude hiperconectada, hiperpresente, convergente e participativa, neste tempo denominado pós-modernidade, a partir das representações que veiculam. Considerando uma matriz comunicativa que compreende processos como a convergência, a conexão, a propagabilidade e a participação, aspectos usualmente atribuídos, em especial, à caracterização de uma parcela da população denominada e representada como juventude, busco pensar, aproximar, justapor e considerar tais ideias ao conceito de Educomunicação. Cabe ressaltar que estou assumindo ser a Educomunicação um processo fomentado e fomentador, bem como produzido e produtor de áreas pedagógicas, ou seja, entendo ser a Educomunicação uma conduta epistemológica que está alinhada a este tempo – a Pós-modernidade – e aos sujeitos que nela vivem.

2. PÓS-MODERNIDADE E CULTURA DA CONVERGÊNCIA

Zygmund Bauman (2001) tem pensado e escrito sobre as sociedades contemporâneas utilizando a metáfora “Modernidade líquida” para apontar para como, neste tempo, tem sido possível identificar formas de ser e estar no mundo bem diversas daquelas instauradas pelo chamado projeto modernista. Aliás, o mesmo autor (*idem*) caracteriza a modernidade de uma sociedade por avanços, procedidos em vários sentidos, decorrendo daí a associação feita ao aspecto líquido, fluído, que, diferentemente dos sólidos, molda-se e modifica-se com facilidade; enfim, os “líquidos” “escorrem entre os dedos”, “transbordam”, “vazam”, “preenchem vazios com leveza e fluidez”. E essa fluidez vai caracterizar a Modernidade líquida (Bauman, 2001), ou a Pós-modernidade, termo utilizado por Jameson (1996), Lyotard (1998) para se referirem a este tempo em que estamos vivendo hoje, e que pode ser caracterizado pelo esgotamento dos paradigmas que organizavam a modernidade, ou, retomando a metáfora utilizada por Bauman (*idem*), pelo “derretimento de sólidos”. E, nesse tempo, tem sido procedida uma reorganização do social com o abandono de estruturas referenciais como a família e a religião tradicionais, as reestruturações das cidades e dos bairros, ao mesmo tempo em que se instituem novas configurações para o trabalho e para os

modos de produção de renda, com o abandono da sociedade fabril e a ascensão da sociedade de consumo. Enfim, na racionalidade pós-moderna projetos socioculturais diversos tomam forma e as relações econômicas e de consumo acionam um deslocamento do centro do poder hegemônico, conduzindo ao rompimento da crença no estabelecimento de uma cultura universal.

No mundo pós-moderno, algumas vezes referido como sociedade pós-industrial, ocorreu uma mudança profunda em relação aos avanços tecnológicos e midiáticos. E tais avanços também possuem um importante papel na definição das já referidas novas formas de sociabilidade, comunicação, inter-relações entre sujeitos e participação sociais. Assim, são cada vez mais numerosos os artefatos criados a partir do desenvolvimento tecnológico, ao mesmo tempo em que proliferam, também, novos processos e possibilidades de comunicação mediada por essas tecnologias. E é a partir de tais configurações que tem sido afirmado estarmos vivendo novos tempos, tempos de uma dita convergência comunicativa, oportunizada por meios que favorecem as interações pessoais. Na contemporaneidade, os sujeitos estão cada vez mais conectados. E essa possibilidade de interação e comunicação, mediadas por artefatos tecnológicos, tem colaborado para a construção de subjetividades cada vez mais calcadas em trocas, em participações, em colaboratividade compartilhada em rede.

Jenkins (2009), autor ícone dos estudos sobre convergência, utiliza a expressão “cultura da convergência” para falar desse tempo. O autor nos propõe reflexões que ampliam e deslocam a ideia de que a convergência estaria ligada apenas aos avanços tecnológicos materiais, ou seja, a computadores multifuncionais, ou a celulares que agregam diversas funções (esses, além de efetuarem ligações capturam vídeos, tiram fotos etc.) a videogames com conexão à Internet e a jogos em rede, bem como a televisões multimodais e a outros tantos artefatos que podem ser elencados. Enfim, o autor propõe que nos afastemos da rasa visão que envolve pensar a convergência como um processo material, situado apenas na ordem dos equipamentos.

Para Jenkins, a maior mudança vivenciada na dita “modernidade líquida” envolve a possibilidade de consumo e de produção cognitiva individual, personalizada em rede, o que acaba por oportunizar novas formas de colaboração,

participação e produção cultural. Aliás, mais do que oportunizar a percepção crítica ou a criação de conteúdos individualmente, através da rede, na cultura da convergência, o mais significativo é a produção/consumo partilhados e a atribuição de poder às comunidades de conhecimento que fazem isso circular. Os sujeitos produtores/consumidores deste tempo saem da posição periférica, imposta por uma cultura estritamente comercial e mercadológica, acionada e regulada pelo consumo, passando a assumir novas posições referentes à produção, à discussão e à propagação de bens cognitivos e informacionais.

Levando em conta essa progressão no entendimento do que seja uma nova matriz comunicacional vigente, em um tempo, em uma época dada e em uma racionalidade, e levando em conta, principalmente, os fluxos de circulação desta informação, torna-se possível pensar em paradigmas epistemológicos mais alinhados a esse tempo e a essa realidade pós-moderna. E é nesta perspectiva que proponho a reflexão que apresento neste capítulo: aproximar e justapor as ideias basilares da educomunicação no intuito de uma ação pedagógica, cuja abordagem teórico-metodológica leva em conta processos fomentados e fomentadores, produzidos e produtores, postos em circulação em uma realidade entendida e conceituada como a cultura da convergência, da propagabilidade e da participação.

3. O ESTUDO: PONTOS NODAIS

A reflexão aqui apresentada surge a partir da realização de uma pesquisa de mestrado realizada nos anos 2014 e 2015, que teve por objetivo conhecer e aprofundar o olhar sobre práticas de vida de atores sociais da pós-modernidade que vivem em uma condição de juventude¹. Inscrito no campo dos Estudos Culturais, o estudo focaliza um grupo específico de sujeitos que se agrupam em **fandoms on-line**, que cultuam a obra *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins (2010, 2011, 2012), para pensar sobre as juventudes contemporâneas e seus modos de ser e estar no mundo. O estudo objetivou pensar sobre como essa juventude constrói subjetividades e atua como produtora/autora, nestes tempos de convergência

1 Cabe referir que estou utilizando o termo “condição de juventude” em aproximação a ideia de “juventude dilatada” de Máximo Canevacci (2005), a qual, apresenta o alargamento de uma etapa que não mais se constitui apenas etária, mas que se faz uma condição, um modo de estar e de viver na contemporaneidade.

Esclareço que **Fandom** é um termo que tem origem na contração de duas palavras inglesas: **fanatic**, que reúne a abreviatura de “**fan**”, e “**kingdom**”, da qual foi suprimido o início, conferindo-se ao termo o sentido de “reino dos fãs”. Assim, um **fandom** é um lugar “internético” constituído por sujeitos que partilham o mesmo gosto por um livro, por um filme, por um seriado de televisão, ou mesmo por qualquer produto ou artista com algum destaque. Um **fandom on-line** caracteriza-se por agregar diversos canais de comunicação. Os membros circulam por grupos em redes sociais, em **timelines** do Twitter, em redes sociais de fãs, em repositórios de todos os tipos para as **fanarts** produzidas, em grupos de **Watsapp**, em canais do **Youtube**, e em toda a sorte de meios de propagação de conteúdos referentes a seus gostos partilhados. A autoria desses fãs, membros dos **fandoms**, se dá através de tais canais, onde os processos de participação em rede acabam por marcar o peculiar modo de sociabilidade destes atores, definindo também valores, crenças, condutas, modos de conviver, cada vez mais compartilhados.

Nos agrupamentos em rede, ou **fandoms**, é possível perceber que os sujeitos convivem, aprendem, ensinam e colaboram entre si, produzindo processos de apropriação de saberes e de disseminação de conhecimentos através da rede, estabelecida entre os pares. Os **fandoms** operam, assim, como áreas pedagógicas que ensinam, educam e conformam os sujeitos.

4. OS SUJEITOS PÓS-MODERNOS QUE FREQUENTAM A ESCOLA

Dou início a esta seção argumentando que a intensa participação que ocorre nos **fandoms on-line**, com destaque para o escolhido para a realização do estudo “netnográfico” que aqui apresento, propicia ferramentas para se pensar sobre os indivíduos pós-modernos, notadamente sobre os jovens usuários dos **fandoms on-line** que também frequentam nossas escolas. Daí a relevância de atentar-se para as interações procedidas nessas comunidades **on-line**, bem como para as estratégias de consumo participativo em rede nelas em ação, assim como para os modos como essas estão alinhadas a práticas contemporâneas, tais como nomeadas e descritas por Paula Sibilia (2012) como a “Hora dos Amadores”. Como Sibilia registra, a web 2.0 possibilita a emergência de novas formas de autoria e de interação de seus usuários com seus pares. Ressalto que aspectos embarcados na ascensão de elementos que compõem a cultura da convergência e a cultura

da conexão, compreendendo a noção de propagabilidade dos conteúdos desse modo criados, tal como foi citado por Jenkins (2014), foram observados no estudo.

Para pensar sobre os modos de ser jovem na modernidade líquida, também é importante valer-se de argumentos destacados por Barbero (2002), quando ele refere haver um mal estar por parte dos jovens frente às formas tradicionais de continuidade cultural. Segundo o autor, os jovens têm buscado a experiência do desencaixe, ou seja, as mudanças apontam para a emergência de sensibilidades desligadas das figuras, dos estilos e das práticas assentadas em velhas tradições culturais, inclusive das práticas operadas nas instituições “sagradas” do educar: as escolas. Além disso, Barbero também salienta a empatia dos jovens com a cultura tecnológica, que inclui tanto as suas relações com a televisão quanto a facilidade para entrar nas (e operar com as) redes informáticas.

Calcada em argumentos como estes, e em um compromisso com a produtividade deste movimento de pesquisa e reflexão, bem como considerando os modos de vida operados por este tempo e por esta conjuntura pós-moderna, especialmente pelos sujeitos compreendidos no conceito de juventude, torna-se mister pensar em movimentos articulados de aplicabilidade prática nas áreas pedagógicas postas em circulação neste tempo. Pensar a escola, instância ordenadora dos processos educacionais institucionalizados, em uma perspectiva que transcenda sua característica eminentemente disciplinar, normalizadora e tradicional, torna-se emergente.

5. E A EDUCOMUNICAÇÃO...

E é nesta emergência, localizada no tempo e no espaço da pós-modernidade, na qual tem sido possível cada vez mais localizar o descompasso da escola, que proponho examinar a Educomunicação e suas ideias basilares, entendendo-a como uma conduta epistemológica alinhada a este tempo e a estes sujeitos pós-modernos que frequentam a escola. A Educomunicação vem firmando-se, no Brasil, como uma conduta epistemológica possível, a partir de contribuições teóricas de autores seminais para o campo, tais como Jesús Martín-Barbero (2002) e Mario Kaplún (1999). Estes autores cunharam termos, elaboraram conceitos fundantes para o pensamento que busca aproximar e justapor a educação e a comunicação como campos de saberes entrelaçados.

O conceito de ecossistema comunicativo trazido por Barbero (2000) é uma materialidade deste discurso e propõe um manejo de superação para o descompasso escola/sociedade pós-moderna. O autor propõe que a convergência dos meios tecnológicos e midiáticos e das novas possibilidades de comunicação por eles oportunizadas e mediada, ganhem tanta importância e significação na vida dos sujeitos como possui o ecossistema ambiental. Ou seja, o autor considera e reforça a adequação do conceito de ecossistema comunicativo ao tempo pós-moderno e, em especial, aos sujeitos em condição de juventude, colocando-os no centro dos processos comunicacionais.

Como Barbero salienta:

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias – desde o cartão que substituiu ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da Internet – com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante. (BARBERO, 2000, p. 54).

A Educomunicação acolhe, assim, um modelo de ecossistema comunicativo totalmente inscrito em um tempo e em um espaço nos quais os meios tecnomidiáticos tomam papel central nas relações interpessoais. A comunicação toma o centro das relações sociais e oportuniza novas experiências de produção, circulação e participação, especialmente mobilizadas pela rede. E são, então, esses sujeitos autores em seu meio e em seu tempo que se sentam nos bancos escolares. E, é nesta perspectiva que cabe pensar a escola, a partir da criação de novos ecossistemas de comunicação. Discutir e ressignificar as práticas, as ações pedagógicas através do fomento e constituição de ecossistemas que promovam a constituição de sujeitos linguísticos capazes de produzir, circular e propagar conhecimentos.

Concretizando assim um paradigma teórico-metodológico para a escola, nestes “tempos de dispersão”, outro termo cunhado por Paula Sibilia (2012), a Educomunicação pretende-se produtiva nesta conjuntura. E tal campo produtivo que reorganiza a relação comunicação e educação pode ser entendido como área pedagógica significativa; como prática dialógica por excelência; como

novos manejos pedagógicos para este tempo, em um momento em que a escola parece estar em colapso.

Sibilia argumenta:

Mas o mundo transformou-se muito desde a época em que essa entidade fora idealizada e colocada em funcionamento, em virtude e sua utilidade para perpetrar as metas políticas, econômicas e socioculturais que – conforme se supunha – iriam nos guiar rumo à evolução da humanidade. Agora, ao despontar o globalizado e multicultural século XXI, são bem outros os valores reverenciados entre nós, tanto dentro como fora das paredes escolares. E, portanto, não espanta que o edifício inteiro ameace desabar. (SIBILIA, 2012, p. 206)

Uma escola (moderna) em uma sociedade pós-moderna não funciona como uma tecnologia eficaz de época. Ou seja, a escola já não colabora para a conformação de sujeitos que sejam capazes de estar neste mundo (pós-moderno) do século XXI. Torna-se, assim, possível argumentar, que a escola precisa de caminhos outros para dar conta de seu propósito institucionalizado ao longo dos tempos. E é neste sentido que busco lidar com as ideias basilares da Educomunicação como manejos pensados para atender ao propósito institucional da escola neste tempo.

Trago para a discussão quatro ideias basilares para o processo de centralidade comunicativa que a Educomunicação mobiliza, São elas: a **colaboração**, que é vista como uma ação a ser cada vez mais fomentada entre os sujeitos, pois, ao fim e ao cabo, é disso que trata a convivência social na pós-modernidade, tal como tem mostrado o movimento instituído pelos sujeitos que circulam pelos **fandoms on-line**, esses agrupamentos não institucionais de mobilização de saberes, que acabam por convergir ações que ensinam, educam, mobilizam modos de ser e estar neste mundo. Cabe lembrar, mais uma vez, que Jenkins (2009) fala deste movimento como a cultura da convergência, ou seja, como um lugar no qual os sujeitos interagem por aproximação de gostos, sentimentos e interesses, tornando-se produtores/autores de conteúdos criados e propagados em colaboração em rede; a **união**, que é entendida como uma materialidade de pertencimento das denominadas comunidades de conhecimento. Ressalto que é comum ver nas interações promovidas nos **fandoms on-line** a união entre os membros pertencentes a estas comunidades, que se expressa na empatia

nas perdas diárias, na solidariedade revelada quando dificuldades individuais são divididas com o grupo, enfim, no senso de união que é acionado por um gosto partilhado que agrega o coletivo; a **organização**, que é caracterizada como um movimento necessário à ancoragem dos saberes construídos no coletivo. É bastante comum perceber uma mobilização espontânea (e ao mesmo tempo organizada), na definição das participações e das visibilidades que as comunidades **on-line** têm colocado em circulação. Subir uma **hashtag** (#) nas redes sociais, com conteúdos significativos para um **fandom** específico, é bastante comum. Aliás, a organização e a mobilização comunicacional, acionadas pelos sujeitos pós-modernos e suas subjetividades midiaticizadas e tecnológicas, são exemplos dos modos como se procede a referida organização.

Cabe ainda referir o termo “**síntese cultural**”, que pode ser aqui aproximado como a possibilidade de transcender limites e perpassar fronteiras. A Educomunicação acredita que a qualificação do sujeito linguístico com voz e vez no tecido social é capaz de ampliar horizontes e redes de percepção. Disso decorrem possibilidades de compreender o mundo através do deslocamento destes sujeitos escolares em um processo de ensino/aprendizagem diferenciado, tal como defende Kaplún:

Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino/aprendizagem deve, então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência linguística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo. (KAPLÚN, 1999, p. 73).

Junto a essas ideias basilares da ação educacional, torna-se possível elaborar, ainda, a ideia de que o tempo, o social, o político, o histórico, os meios tecno-midiáticos de comunicação mediados entre os sujeitos escolares pós-modernos são, ou pelo menos deveriam ser, dimensões fundamentais e necessárias para a tomada de decisões na escola, mesmo que muitas sejam as direções assumidas para se pensar o propósito primeiro da escola, o de conformar sujeitos para uma racionalidade de uma época dada. Uma materialidade possível pode ser expressa através de ações educacionais evidenciadas por suas

ideias basilares, que acabam por se tornar áreas pedagógicas produtivas para esse tempo e para esses sujeitos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordando primeiramente que estamos vivendo em um tempo líquido, em uma era pós-moderna, e que os sujeitos jovens da pós-modernidade fazem parte de uma geração sem precedentes; é preciso destacar a importância da realização de estudos que sejam ou que se tornem análises culturais que objetivem pensar o tempo atual. Isso envolve, por exemplo, pensar os sujeitos conformados por essas dimensões sociais, políticas, econômicas, históricas e tecnomidiáticas e, também, pensar as maquinarias de operação e formação de uma dada época, tal como a escola.

Foi com este propósito que, através deste capítulo, propus a aproximação das considerações acerca desse tempo, desses sujeitos, da maquinaria escolar e do papel da Educomunicação frente a este **todo** histórico-cultural significativo. A partir do estudo realizado, tornou-se possível afirmar que estamos vivendo um tempo onde a evidência e a emergência dos avanços tecnomidiáticos têm produzido uma nova matriz comunicacional, que acaba por se apoiar na convergência comunicativa de meios e de conteúdos informacionais e que está calcada na autoria dos sujeitos linguísticos deste tempo.

Hoje, é possível dizer que o jovem consome, mas também produz; recebe, mas também propaga; que ele é acionado pelas produções com que se envolve, mas que também mobiliza e compartilha informações, e ainda que, sobretudo, participa das narrativas postas em circulação no mundo. Em função disso, é possível dizer que se tem tornado possível visualizar outros modos de experiência comunicacional. E é em função disso que parece não restar outra medida à escola, senão uma busca de outras tramas para a produção de conhecimentos. Cabe à escola, portanto, a promoção de novas redes entre os sujeitos escolares: professores, alunos e comunidade escolar como um todo. Por exemplo, todos os atores sociais da escola podem vivenciar experiências de recepção/produção/propagação dos saberes escolares e dos conhecimentos institucionalizados, levando em consideração as multiplicidades culturais.

A Educomunicação surge aí como um paradigma ou uma conduta epistemológica capaz de trazer para dentro da escola as experiências que os jovens que possuem acesso ao universo das comunidades de conhecimentos já têm experienciado no cotidiano da convivência **on-line**, por exemplo, através de suas convivências nos **fandoms**. Se é possível pensar, consumir, produzir, compartilhar, propagar e participar de comunidades de conhecimento na rede, também a escola pode (e, talvez, deva) ampliar suas práticas, a fim de acolher tais experiências. Desse modo, parece ser importante propor à continuidade de estudos que busquem problematizar as aproximações e vivências desenvolvidas em Educomunicação. Ou seja, faz-se necessário considerar o que “vem” do movimento cultural mobilizado nas redes e o que “vem” dos processos construídos entre os muros das escolas. Portanto, seria importante estender e não esgotar o que é buscado, ampliar e não fechar-se às considerações acerca das possibilidades que a ação educacional, enquanto mobilizadora de produção e participação dos sujeitos dentro dos espaços escolares, é capaz de promover.

7. REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. Desafios culturais: da Comunicação à Educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 8, n. 18, p. 51-61, 2000. Trimestral. ISSN: 0104-6829. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/come-duc/issue/view/292/showToc>>. Acesso em: 20 mar 2015.

_____. Jóvenes: comunicación e identidad. Pensar Iberoamerica. **Revista de Cultura**. OEI, Número 0. Febrero de 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.

_____. Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis. In: CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 209-224

CANEVACCI, Massimo. “**Das contraculturas às culturas intermináveis**”. In: *Culturas eXtremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

JENKINS, Henry: **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua: **Cultura da conexão: Criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação, In: **Comunicação e Educação**, jan./abr. 1999, p. 73. Acesso em: 23 mar 2015.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1998.

SIBILIA, Paula. **A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros?**. *Matrizes*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 195-211, Jun/Jul, 2012. Semestral. Acesso em 05 nov 2014.

_____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. O perfil do educador. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. http://www.usp.br/nce/aeducacao/saiba_mais/textos. Acesso 02 de abril 2015.

•• **AUTORIA** ••

Jacqueline Gomes de Aguiar – Mestre e doutoranda em Educação, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, na qualidade de bolsista CAPES – PROSUP e orientanda da Professora Doutora Maria Lucia Castagna Wortmann. Assessora Pedagógica de Inclusão Digital, atuando na SMED Porto Alegre. E-mail: jacqueaguiar@gmail.com.